

## O RIO GUADIANA PARA USO DAS ESCHOLAS (1850-1900) \*

### NOTA HISTÓRICA SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA

Falar de História e falar de Geografia a propósito do rio Guadiana parece tarefa fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil, porque todos sabemos alguma coisa dele como fenómeno físico ou como factor histórico, difícil porque quem sobre o seu estudo se debruça logo o reconhece como um dos cursos de água mais esquecidos da Península.

Para nos sairmos o melhor possível da empresa proposta pensámos começar pelo princípio: como e quando ouvimos nós falar do Guadiana pela primeira vez. Então, à lenga-lenga das batalhas de Afonso Henriques, das estações da linha da Beira Baixa, das serras do sistema transtagano, juntou-se a do rio Guadiana com sua nascente e sua foz, seus afluentes e vilas banhadas.

Fomos em busca dos primórdios da lenga-lenga para tentarmos uma pequena história da geografia do Guadiana, para tentarmos perceber como foi construído o rio, transmitido de geração em geração: decorado, cantado, contado.

«O Guadiana para uso das escholas» é a fórmula que nos propomos desmontar na sua primeira fase — a segunda metade do século XIX — para, sabendo o que sabiam os portugueses de oitocentos do rio Guadiana através do ensino, podermos ficar a pensar o que sabemos nós hoje dele, se nos perguntarem de repente, o essencial sobre... o Guadiana.

O ensino da Geografia, com o sentido (depreciativo) que tem para nós o de Geografia descritiva, que então se chamava prática, política ou mesmo *chorographia*<sup>1</sup> e sempre associada à História e à Cronologia, muito ficou a dever, para os níveis básico e secundário, às reformas liberais da primeira metade do século, especialmente às de Passos Manuel (1836) e de Costa Cabral (1844)<sup>2</sup>. Porém, só com a estabilidade política que a partir dos primeiros anos

---

\* Conferência proferida no I Encontro Internacional sobre o Rio Guadiana, realizado em Mértola, em Maio de 1989.

<sup>1</sup> Rodrigues de Brito esclarece na introdução à sua *Chorographia do Reino de Portugal* (1850): «Todavia hoje dá-se algumas vezes à Chorographia uma esphera mais limitada, a da topographia: chama-se então à descripção geographica do reino de Portugal, e das suas terras mais principaes e notáveis (p. 1).

<sup>2</sup> Ver sobre as diversas reformas: para o ensino primário o conjunto de estudos de J. Ferreira Gomes (p. 7-72) e para o ensino liceal o de V. Pulido Valente (p. 30-97).

da década de 50 se foi tornando realidade, é possível, também para o caso do ensino, organizar escolas, programas e manuais<sup>1</sup>.

O interesse e a preocupação pelo conhecimento do mundo, cresce e pensa-se indispensável na formação do cidadão. À «erudição estéril» contrapõe-se e defende-se o estudo das Ciências Naturais, da Física, da Química com vista à sua aplicação prática nas Artes e Ofícios.

Os livros de ensino em geral e os de Geografia em particular, aproveitam em muito os manuais estrangeiros (sobretudo franceses) e completam-se, no tocante a Portugal, com informação recente recolhida pelo periodismo e publicismo liberais e com o que haviam deixado dito os eruditos dos séculos XVII e XVIII<sup>2</sup>. Há contudo, para o nível de ensino a que se destinam, a tentativa de síntese, mas da síntese cientificamente seca (nomes e números) e peremptória (as definições). Os resultados não são famosos.

Diz Eça de Queiroz numa carta a Oliveira Martins em 1891: «Tu conheces, creio eu, o que são em Portugal os *Compêndios de Instrução Primária*. Compilações papalvas, quando não são agressivamente estúpidas, impressas em papel pardo e vendidas ao pobre *Pater Familias* pelo preço de Tratados XVII e XVIII<sup>2</sup>. Um tenho agora aqui presente, uma *Corografia*, arranjada pelos métodos de há cem anos, *bete à faire pleurer*, com mapas de que se envergonharia um cartógrafo turco, valendo ao esudante duzentos e cinquenta reis! E este é, ao que me dizem, dos melhores»<sup>3</sup>. Considerações a que responderá Oliveira Martins: «Falta, meu bom amigo, que haja um ministro com pulso bastante para cortar por todos os interesses parasitas que hoje vivem à sombra dos compêndios. Falta quem liquide esta medonha crise que há-de fatalmente

---

<sup>1</sup> Cfr. Rómulo de Carvalho, p. 566. «Os autores dos projectos vintistas nos anos atribulados que se seguiram foram perdendo o seu carácter combativo ou acabaram por ser destruídos pelos mecanismos do sistema (...) o governo setembrista de Passos Manuel contribuiu com efeito, para modificar as estruturas de ensino, ao nível primário, secundário e técnico, continuando esse trabalho em períodos seguintes, em particular, durante a Regeneração». (L. R. Torgal *et ai*, p. 441).

<sup>2</sup> Diz Rodrigues de Brito ao iniciar a já citada *Chorographia...*: «Fomos incumbidos pelo Conselho Superior d'Instrucção Pública de fazer a Chorographia de Portugal, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas para uso das Escolas d'Instrucção primária. Consultámos para este effeito as diversas obras que em Portugal se têm occupado mais ou menos d'este objecto; e d'ellas colhemos aquellas noticias, que julgámos mais importantes e dignas de menção (...) Das obras antigas pouco extrahimos, porque embora appresentem descripções mui circuntanciadas e minuciosas, havendo sido publicadas ha muitos annos, não podem conformar-se com o estado actual das terras, sendo que por isso não lhes podíamos creditar inteira confiança. Aproveitámo-nos muito das modernas, particularmente dos jornaes literários, que desde 1834 se têm publicado, porque a pezar de descreverem poucas terras, o fazem com tudo mais extensa e individualmente» (p. III) — e acrescenta: «Não visitando as terras, nem observando pessoalmente o que alli ha, não podemos responder pela exacção e certeza dos factos, que mencionamos: e, de experiência própria o dizemos, vimos muitas cousas impressas, que ficavam mui longe da verdade» (p. V).

Sobre a importância concedida ao ensino no periodismo e publicismo liberais, ver Maria de Fátima Nunes (1988).

<sup>3</sup> Queirós, Eça de — *Correspondência*, II, p. 160.

em poucos meses, pôr-nos em situação ainda pior que a Argentina»<sup>1</sup> — um exemplo mais da actualidade dos problemas da Geração de 70. Mas vamos às «compilações papal vas».

Selleccionámos um conjunto de 10 obras de características claramente pedagógicas, deixando de lado *Diccionários Chorográficos, Atlas, Chorographias* e *Geographias* dirigidos a um mais vasto público (ainda que a diferença nem sempre seja clara)<sup>2</sup> e, as obras a que chamaríamos «científicas» como as de A. Balbi, G. Pery ou Silva Lopes<sup>3</sup>. Outras leituras teríamos a partir de cada conjunto e, para o caso do segundo, esse sim, dando notícia da evolução do pensamento geográfico em Portugal. Utilizá-las-emos pontualmente, quer como contraponto ao que formos encontrando, quer como fontes referidas pelos autores.

Os manuais escolhidos possuem datas de edição que se estendem desde 1851 a 1895. Dois para uso exclusivo do ensino primário, dois outros dedicados ao ensino secundário, um quinto que se diz apto a corresponder aos requisitos dos dois níveis e, mais cinco que não o afirmando, são em tudo semelhantes a este último<sup>4</sup>.

---

\* *Ibid.*, p. 164.

<sup>2</sup> Ver na bibliografia final, as obras de F. P. Maranhão, P. P. Camará, E. A. Bettencourt, A. Pinho Leal, *Chorographia de Portugal...*, J. L. Vasconcellos e F. Deusdado. O estudo comparativo e sistemático do conjunto de obras deste tipo muito revelaria. Alguns exemplos com base no espaço dedicado nas suas páginas ao rio Guadiana. O texto de Perestrello da Camará (1850) é em tudo semelhante ao do flaviense Francisco Maranhão (1839). A retirar dúvidas sobre a obra do primeiro, o comentário de Inocencio Francisco da Silva: «...o espirito de superficialidade e deficiência de investigação e crítica, que reinam por todo o decurso da obra, e que a tornam incapaz de ser consultada com confiança pelos que só se aprezem de encontrar exactidão e verdade» (VI, p. 371). O *Diccionario Chorographico...* de E. de Bettencourt, reproduz integralmente (p. 5), o texto sobre o rio, a partir das suas *Noções de Chorographia...* (p. 14). Pinho Leal refaz a prosa de Silva Lopes mas, sem deixar dúvidas ao plágio: «...perde-se em uma planície (próxima da aldeia de *Lugar Nuevo*, pouco distante de *Formelloso*) entre juncos e canaviaes» (Pinho Leal, III, p. 331). Silva Lopes havia dito: «Vai diminuindo pouco a pouco a sua corrente, perto da aldeia do Lugar Nuevo, não longe de Tormelloso, e chega a desaparecer de todo por entre juncos e canas silvestres de que abundão aquelles sitios» (p. 23). Finalmente, a *Chorographia de Portugal...*, editada por David Corazzi (p. 9-10) é a *Chorographia de Portugal...* de Ferreira Deusdado (p. 10), reproduzem literalmente G. Pery (p. 15).

<sup>3</sup> Ver bibliografia.

<sup>4</sup> Ver bibliografia. Os autores são professores, mas também funcionários de departamentos estatais, como p.e., E. de Bettencourt «empregado na repartição técnica do Ministério das Obras Públicas» (Innocencio, IX, p. 169). Uma biografia paradigmática é a de Silveira Lopes sintetizada no *Diccionario Bibliográfico...*: «Natural de Lisboa, e nascido a 13 de Setembro de 1830. Tem exercido particularmente o magistério na mesma cidade, e sido Director dos Collegios Academia de Minerva, e Artístico-commercial, transferiu ha annos a sua residência para o Rio de Janeiro, onde é Director do collegio de Humanidades, e Professor de instrução secundária, exercendo juntamente as funções de Vice-cônsul da nação portugueza em Macahé» (VII, p. 398).

Se os anos 50 foram profícuos na produção de manuais (metade das obras têm a sua primeira edição entre 1851 e 1854) o que se relacionará com as reformas respeitantes ao ensino, o outro importante dado a reter é o longevidade dos manuais, que sobrevivem a esse afã legislador, provando que as mudanças são relativas. Na maioria dos casos, as sucessivas edições estendem-se por uma década. O exemplo extremo é o das *Noções de Chorographia...* de E. de Bettencourt: 11 edições que se prolongam por mais de 20 anos<sup>1</sup>. O monolitismo no ensino não é só apanágio do Estado Novo e dos seus livros únicos.

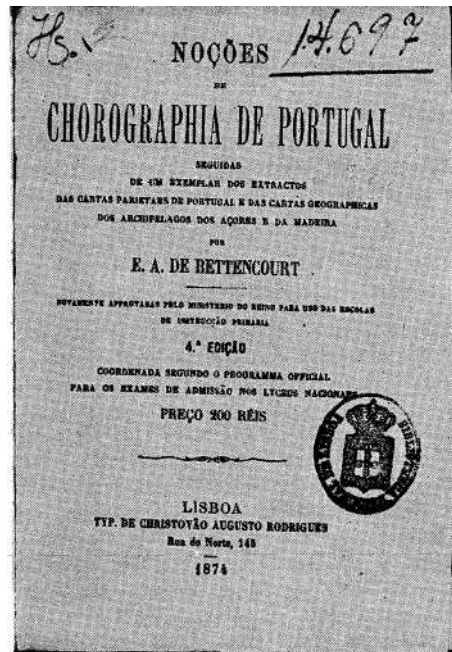


Fig. 1 — *Noções de Chorographia de Portugal* de E. A. de Bettencourt, 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1874.

Sobre a estrutura e conteúdo em geral dos manuais não nos debruçaremos porque não é esse o nosso objectivo, embora as semelhanças entre eles sejam muitas e os distingam claramente das antigas compilações de «Lições» de per-

<sup>1</sup> Algumas das edições tinham desde início um número apreciável de subscritores espalhados pelo país, cujas listas encontramos por vezes no início ou no fim dos volumes (cfr. L. G. Coutinho, p. II-VI), outras explicam-se pela venda directa e segura aos estudantes. A propósito do *Compendio de Civilidade Moral e Religiosa* (1.<sup>a</sup> ed., 1851; 7.<sup>a</sup> ed., 1858), comenta Innocencio: «O rápido consummo de seis edições em tão breve tempo seria tido como um phenomeno maravilhoso, se não tivesse a sua explicação no crescido número de alumnos que são doutrinados por este, e pelos outros compêndios do auctor, no colégio que elle tão sapientemente dirige» (IV, p. 116).

gunta-resposta de que encontrámos ainda exemplos<sup>1</sup>. As fontes quase nunca se indicam (como hoje) mas os casos de plágio são evidentes e numerosos. Analisemos contudo directamente a informação dedicada ao rio Guadiana porque através deste caso muito poderemos concluir sobre esses livros oitocentistas para ensinar Geografia.

Começemos com um exemplo de lenga-a-lenga retirado do já citado manual de E. de Bettencourt: «...nasce em Hespanha, limita a leste o reino de Portugal, desde o rio Caia até Monsaraz, e desde o Pomarão até Villa Real de Santo António; entra no districto de Évora e corta o de Beja; banha Mertola, Alcoutim e Villa Real de Santo António, perto da qual desemboca formando um bom porto. É navegável até Mertola. Recebe pela margem direita os afluentes Odeleite, Vascão, Oeiras, Terges e Cobres, Degebe, Caia e Xevora, e pela margem esquerda os afluentes Ardila e Chança<sup>2</sup>.

Nasce em Espanha... Para descrever um rio surgem como referências básicas: a nascente, a foz e mais ou menos informação sobre o percurso. Um único manual não fala do local de nascimento do Guadiana, o *Compendio de Chorografia Portuguesa* de João Félix Pereira, deixando no entanto subentendido que é em Espanha: «O Guadiana atravessa grande parte da Hespanha...» — diz ao iniciar a narrativa<sup>3</sup>. Em Espanha nasce para mais dois autores, em Castela a Nova para outros dois, na serra de Alcaraz ou Alcazar para os restantes. Graus de precisão distintos para fornecer o essencial — o rio nasce do lado de lá, no interior das terras do «outro». A serra de Alcaraz contudo, que tem aqui já o apoio da maioria, fixar-se-á como referência para o futuro<sup>4</sup>.

A foz é indubitavelmente «nossa». Em Vila Real de Santo António segundo três autores, a sul de Castro Marim segundo um quarto. Há duas condescendências: entre Castro Marim e Ayamonte na opinião de Carreira de Mello e de Silveira Lopes. Finalmente para opções mais estritamente geográficas: no mar, no Oceano Atlântico e na Baía de Cadiz. A referência à Baía de Cadiz tem como fonte próxima Adrien Balbi que do mesmo modo o afirma<sup>5</sup>. O esquecer Vila Real de Santo António, dizendo a foz entre Castro Marim e Ayamonte é claramente uma herança dos autores do século XVIII, quando a importância da vila do Marquês era ainda mínima. Fr. Manuel de Figueiredo na sua *Descrição de Portugal* (1788), conclui a nota sobre o Guadiana: «...a sua corrente vai desabar no Oceano entre Castro Marim e Ayamonte»<sup>6</sup>. E. de Bettencourt é o único que faz alusão às condições naturais que permitiram o desenvolvimento da vila<sup>7</sup>.

Façamos aqui uma referência às alterações presentes nestas sínteses para a escola, em relação às descrições eruditas dos séculos anteriores. Não encon-

---

<sup>1</sup> Nas *Breves noções de Geographia...* (1845) de B. da Silva Carneiro, termina-se assim a resposta à pergunta: «Qual a capital, e rios de Portugal?», da Lição XVI: «...e o Guadiana, que se forma das vertentes de montes que estão entre a Serra Morena e a de Moncayo, e separa o Algarve da Andaluzia» (p. 34).

<sup>2</sup> *Noções...*, p. 14.

<sup>3</sup> *Compendio de Chorographia...*, p. 20.

<sup>4</sup> Cfr. A. de Vasconcelos, 1940, p. 43.

<sup>5</sup> «Entre Ayamonte et Castro Marim près de Villa Real, ce fleuve entre dans la baie de Cadix» (I, p. 81).

<sup>6</sup> *Descrição...*, p. 223.

<sup>7</sup> *Noções de Chorographia...*, p. 14.

trámos qualquer comentário às modificações físicas da foz do Guadiana: assoreamento, existência de delta, canais, etc, como era habitual lembrar citando os^ clássicos como Estrabão ou Ptolomeu. Também a etimologia do seu nome arábico, os monumentos históricos existentes nas suas margens ou as, virtudes das suas águas (riqueza piscícola ou fins terapêuticos), assuntos sempre lembrados por Fr. Bernardo de Brito<sup>1</sup>, pelo Padre Carvalho da Costa<sup>2</sup>, por Fonseca Henriques<sup>3</sup> ou por João Baptista de Castro \ foram excluídos por pouco

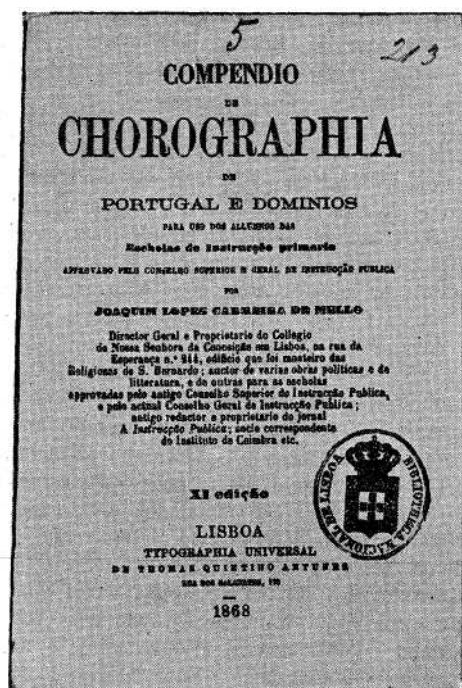


Fig. 2 — *Compendio de Chorographia de Portugal e domínios...* de J. L. Carreira de Mello, 11.ª ed., Lisboa, 1868.

seguros e sobretudo supérfluos, na síntese pretendida. Eles manter-se-ão contudo nas entradas dos mais completos *Diccionários Chorográficos* ou nas *Chorographias* mais elaboradas ou regionais<sup>5</sup>. Mesmo quanto ao célebre desaparecimento e reaparecimento do rio na região cársica da Mancha, Carreira de Mello é o

---

*Geographia...*, p. 565.

*Corografia...*, p. 508.

*Aquilegio...*, p. 233.

*Roteiro...*, p. 21.

Cfr. p.e. F. Maranhão (p. 132) ou Silva Lopes (p. 23).

único a laconicamente se lhe referir: «corre subterraneamente por uma légua perto de Galatrava»\*.

Também deixou de ser importante ao contrário dos clássicos e dos seus comentadores lembrar as «originais» direcções que o rio ao longo do seu curso vai tomando, numa comparação com o Tejo e com todos os cursos de água para norte dele, se lembrarmos Estrabão. Diz Fr. Bernardo de Brito na sua *Geographia Antiga de Lusytania*: «Vem de seu nascimento correndo por terras de muito pasto, & criação de gados, sempre direito ao Poente, & chegando a Badajoz, deixa este caminho, & se lança contra o Meyo dia, té dar no mar Oceano Áthlantico, junto a Aya monte»<sup>2</sup>.

O percurso é dado pela enumeração das povoações banhadas, maioritariamente as portuguesas: Jorumenha, Monsaraz, Mértola, Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António. Referências ainda a atravessar o distrito de Beja e o correr entre Serpa e Beja. Para o percurso espanhol citam-se Ciudad Real, Mérida, Badajoz, Ayamonte e o campo de Calatrava. Há três informações nos dez manuais estudados sobre a extensão do rio, que rondará os 700 km, 67 dos quais navegáveis, segundo o *Compendio de Chorographia de Portugal* de Carreira de Mello<sup>3</sup>. A fixação de valores precisos para distâncias e altitudes ocupava ainda geógrafos e cartógrafos.

A navegabilidade a juzante de Mértola é apenas lembrada em 4 dos 10 manuais. Trata-se de uma informação que se relaciona directamente com questões de economia interna ou de transportes. A lenga-lenga a decorar, recordemos, é sobretudo enumeração de características físicas, isoladas de outros contextos com possível relação\* Características físicas que não contemplam referências ao regime, às cheias e secas, à penetração das marés.

O Guadiana é um rio importante porque é um rio de fronteira numa grande extensão do seu curso mas, estranhamente, quase metade dos manuais não o referem. Nos outros, ele separa Portugal de Espanha, especialmente o Algarve da Andaluzia (regiões bem conhecidas e reconhecidas), mas ainda o Alentejo da Estremadura, num caso. Herança também dos autores setecentistas parece ser a preocupação de referenciar os locais onde começa e termina como limite político: entre Monsaraz e Mourão, a confluência do Chança, ou então pelo contrário, indicam-se os troços internacionais: do Caia a Monsaraz, do Pomarão a Vila Real de Santo António. O Guadiana é um rio importante como fronteira mas, ao assumir essa função, é um rio incómodo de descrever. Deveríamos explicá-lo na sua totalidade mas como ele não é só nosso... A outra margem, para além do mais, umas vezes é nossa e outras não é.

O caso dos afluentes indicados é um bom exemplo do que dizemos. Da margem direita recebe unicamente o Terges, o Degebe, o Lucefere [sic] e o Caia segundo Carreira de Mello, versão que deixa omissos os cursos de água a juzante de Mértola\*<sup>4</sup>. O Odeleite, o Vascão, o Oeiras, o Terges, o Cobres, o

---

<sup>1</sup> *Compendio de Chorographia...*, p. 16. A fonte próxima é provavelmente o *Compendio de Geografia...*, de L. Gonçalves Coutinho (1846), onde se afirma a p. 46: «...curso subterraneamente por espaço de uma légua perto de Calatrava».

<sup>2</sup> *Geographia...*, p. 565. Cfr. também A. Carvalho da Costa, II, p. 508.

<sup>3</sup> *Compendio de Chorographia...*, p. 16.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 17. Sobre Carreira de Mello e a sua obra pedagógica tece Innocencio as maiores críticas e, a propósito do *Compendio de Chorographia...*: «Este compendio como que é a quinta essência do tractado supra [*Breve Tratado de Chorographia...* 1851], com que o zeloso director quis servir o público em geral, e occorrer mais particularmente às necessidades dos alumnos do seu collegio [de Nossa Senhora da Conceição, em Lisboa]» (IV, 116).

Degebe, o Caia e o Xevora segundo E. de Bettencourt<sup>1</sup>. O Odeleite, o Oeiras e o Xevora segundo Rocha Peixoto<sup>2</sup>. De notar a coincidência de enunciar sul-norte a nossa margem direita e com tanto pormenor: a ribeira de Lucefece, que corre entre o Alandroal e o Redondo não foi esquecida. Da margem esquerda (muito espanhola) pouco reza a história: o Ardila e o Chança, dois afluentes que pela extensão e papel de fronteira, seria impossível esquecer. Das ribeiras de Malagón ou de Peramora é já mais fácil. De qualquer modo, só três das dez obras em estudo lembram a existência de afluentes. O Guadiana é o último rio para decorar. Felizmente também tem pouca coisa que se lhe diga!

Voltamos agora ao início. Mais do que autores, fontes, estrutura das obras, público, o que procuramos aqui fazer foi uma leitura da leitura do Guadiana para uso das escolas da segunda metade de oitocentos. O interessante seria podermos testar a força e a difusão dessa mensagem o que é em grande parte público, o que procurámos aqui fazer foi uma leitura da leitura do Guadiana da I República e do Estado Novo. A ideia que nos fica é a da progressiva fixação dos aspectos presentes nas obras oitocentistas<sup>3</sup>.

Os rios, como as casas, passaram a ser ainda mais portugueses, e como do Minho ao Algarve tudo é regionalmente tão diferente e tão típico, os rios, os três rios de Portugal —o Douro, o Tejo e o Guadiana — serão os três irmãos do conto recolhido por Leite de Vasconcellos e depois transcrito para os manuais. Símbolos dessa diversidade do País, dos seus percursos se retiram lições morais e cívicas. «O Guadiana foi o primeiro que acordou. Esfregou os olhos, viu os irmãos muito bem pregados no sono, sorriu-se e pôs-se a caminho com todo o sossego». Um novo mito criado, o do Guadiana rio de planície, vagaroso e espraiado. Nada de mais falso para quem conhece o seu regime e o seu troço terminal. A natureza, quase nunca dá cobertura aos mitos ideológicos, nós é que não nos devemos esquecer da força que eles têm<sup>4</sup>.

*João Carlos Garcia*

---

<sup>1</sup> *Noções de Chorographia...*, p. 14.

<sup>2</sup> *Curso...*, p. 243.

<sup>3</sup> No já citado manual de Geografia de A. de Vasconcelos, para as 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> classes, editado em 1940, o estudo dos rios portugueses é sintetizado num «Quadro Hidrográfico». A recordar: nome do rio, nascente, foz, terras banhadas, afluentes principais da margem esquerda e da margem direita (p. 46-47).

<sup>4</sup> Ver entre outros, o estudo de Maria Filomena Mónica (1972) e as diversas comunicações apresentadas ao encontro «A Construção Social do Passado», realizado em Lisboa em Novembro de 1987, cujas actas se encontram em publicação.



## BIBLIOGRAFIA

### *Manuais de ensino seleccionados:*

- BETTENCOURT, E. A. de — *Noções de Chorographia de Portugal* II.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Typ. Universal, 1885, 32 p. (4.<sup>a</sup> ed., 1874, 17.<sup>a</sup> ed., 1895).
- BOTELHO, M. F. de Medeiros — *Curso de Geographia antiga e moderna, chorographia e história da Geografia para uso dos Lyceus e outros estabelecimentos de instrução nacional*, 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Lv. António Maria Pereira, 1878, 605 p.
- *Noções elementares de Geographia mathematica, physico-geologica, política e atmosphero-meteorologica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1861, 550 p. (2.<sup>a</sup> ed., 1867).
- LOPES, V. J. da Silveira — *Compendio de Chorographia Portuguesa para uso das aulas d'instrução primária*, Lisboa, Typ. J. J. de Sales, 1851, 54 p.
- MELLO, J. L. Carreira de — *Compendio de Chorographia de Portugal e dominios para uso das escolas de instrução primária...*, 8.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Typ. Universal, 1863, 105 p. (1.<sup>a</sup> ed., 1851).
- *Compendio de Geographia e Chronologia para uso das escolas*, Lisboa, Typ. Castro e Irmão, 1854, 225 p.
- PEIXOTO, A. A. da Rocha — *Curso elementar de Geografia geral conforme o actual programa d'esta disciplina para uso dos Lyceus*, Porto. Ed. Alcino Aranha C.<sup>a</sup>, s.d. [188...], 415 p. PEREIRA, J. Félix — *Compendio de Chorographia Portuguesa para uso das aulas de instrução primária e secundária*, 18.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Typ. José da Costa Nascimento Cruz, 1863, 60 p. (2.<sup>a</sup> ed., 1851).
- *Compendio de Geographia*, 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Typ. José da Costa, 1860, 402 p. (1.<sup>a</sup> ed., 1852).
- PEREIRA, J. M. — *Primeiros princípios de Geographia e Chorographia Portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1866, 21 p.

### *Outras obras citadas:*

- BALBI, Adrien — *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*, 2 vol., Paris, Chez Rey et Gravier, 1822. BETTENCOURT, E. A. de — *Diccionario Chorographico de Portugal e Ilhas Adjacentes...*, 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Typ. Universal, 1885, 205 p. (1.<sup>a</sup> ed., 1870).
- BRITO, Fr. Bernardo de — *Geographia Antiga de Lusytania*, Lisboa, na Impressão Craesbecckianna, 1686. BRITO, J. M. Rodrigues de — *Chorographia do Reino de Portugal para uso das Escolas d'Instrução Primária*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1850, 99 p. CAMARÁ, P. Perestrello da — *Diccionario Geographico, histórico, político e litterário do reino de Portugal e seus dominios*, 2 vol., Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Lacmmert, 1850.

- CARNEIRO, B. J. da Silva — *Breves noções de Geographia para uso das escolas primárias*, Coimbra, na Imprensa da Universidade, 1845, 67 p.
- CARVALHO, Rómulo de — *História do ensino em Portugal...*, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1986, 965 p. CASTRO, João Baptista de — *Roteiro terrestre de Portugal*, 5.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Off. de Joaquim Rodrigues d'Andrade, 1814 (1.<sup>a</sup> ed., 1746).
- *Chorographia de Portugal illustrada com o respectivo mappa chorographico*, Lisboa, David Corazzi, 1881, 63 p. COSTA, A. Carvalho da — *Corografia portuguesa*, II, Lisboa, Off. Valentim da Costa Deslandes, 1708. COUTINHO, L. Gonçalves — *Compendio de Geografia moderna e universal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1840, 228 p. DEUSDADO, Ferreira — *Chorographia de Portugal illustrada*, Lisboa, Guillard, Aillaud e C.<sup>a</sup>, s.d. [1893], 53 p. FIGUEIREDO, Fr. Manuel de — *Descrição de Portugal...*, Lisboa, Off. de Francisco Luiz Ameno, 1788. GOMES, J. Ferreira — *Estudos para a história da educação no século XIX*, Coimbra, Almedina, 1980, 273 p. HENRIQUÊS, F. da Fonseca — *Aquilegio medicinal...*, Lisboa Occidental, Off. da Musica, 1726, 228 p. LEAL, A. Barbosa de Pinho — *Portugal antigo e moderno*, III, Lisboa, Lv. Ed. Mattos Moreira, 1874. > — *Lições de Geographia elementar para uso das escolas*, Porto, Typ. da Revista, 1848, 99 p. LOPES, João Baptista da Silva — *Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do Reino do Algarve*, Lisboa, Typ. Academia das Sciencias, 1841.
- MARANHÃO, F. dos Prazeres — *Diccionário Geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas*, Porto, Typ. Sebastião José Pereira, 1852 (1.<sup>a</sup> ed., 1839). MELLO, J. L. Carreira de — *Breve tratado de Corographia portugueza, histórica, política, offerecida á mocidade portugueza*, Lisboa, Typ. Sòtero António Borges, 1851. MÓNICA, Maria Filomena — «Notas para a análise do ensino primário durante os primeiros anos do salazarismo», *Análise Social*, Lisboa, 2.<sup>a</sup> série., X, 39, 1973, p. 478-493. NUNES, Maria de Fátima — «Notas sobre o publicismo liberal: o discurso de Marino Miguel Franzini— geógrafo e meteorologista», *Revista de História das Ideias*, Coimbra, 10, 1988, p. 277-290. PERY, Gerardo — *Geographia e estatística geral de Portugal e colónias com um atlas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1875, 404 p. QUEIROZ, Eça de — *Correspondência* (leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho), 2 vol., Lisboa, Imprensa Nacional, 1983. SILVA, Innocência Francisco da — *Diccionário Bibliográfico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923. TORGAL, L. Reis; VARGUES, I. Nobre — «Vintismo e Instrução Pública: imobilismo e revolução», *Biblos*, Coimbra, LIX, 1983, p. 433-441.
- VALENTE, Vasco Pulido — «O Estado Liberal e o ensino: os liceus portugueses (1834-1930)», *Economia e Finanças*, Lisboa, XL, 1972, p. 7-159.
- VASCONCELOS, A. de — *Geografia. Portugal e Colónias. 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> classes*, nova edição, Porto, Domingos Barreira, 1940, 118 p. VASCONCELLOS, J. Leite de — *Diccionário Chorographico de Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, Liv. Portuense, 1902 (1.<sup>a</sup> ed., 1884).